

Memórias do Poço da Draga: uma jornada na cartografia das memórias das idosas da praia de iracema¹

Ezequiel Araújo Vieira²

Any Ayla dos Reis Nascimento³

Daniela Duarte Dumaresq⁴

Universidade Federal do Ceará (UFC) - Curso de Cinema e Audiovisual

RESUMO

Memórias do Poço da Draga é um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC), que utiliza o audiovisual e a produção de imagens como tecnologias de resistências políticas e culturais. O projeto tem o objetivo de criar um documentário tecido a partir do diálogo com idosas do Poço da Draga. A partir das discussões sobre cinema contemporâneo e memória urbana, o trabalho propõe uma experiência documental construída de forma compartilhada entre estudantes e moradores. Como resultado, o projeto contribui para a preservação, criação e transmissão das memórias do território, fortalecendo também a relação entre universidade, cultura e comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: memória; território; documentário; cartografia; cinema

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Memórias do Poço da Draga lança mão das imagens como tecnologias de resistências políticas e culturais. 2025 foi o primeiro ano de atuação junto a comunidade que habita uma região de Fortaleza situada entre o centro da cidade e o bairro Praia de Iracema, região valorizada e que sofre com especulação imobiliária. Nesse contexto, fortalecer os vínculos entre a população e o território torna-se um importante fator de resistência social e cultural. Ao longo do ano, diferentes ações foram propostas para promover a aproximação entre os estudantes e a comunidade, permitindo o estabelecimento de relações dialógicas e uma melhor liberação da fala. Para essas ações trabalhamos com metodologias de criação compartilhada com os idosos do Poço da Draga, com a temática das memórias. O projeto tem o objetivo de criar um documentário que seja tecido a partir do diálogo com idosas do Poço da Draga, as Guardiãs das Memórias. As oficinas e rodas de conversa visaram entender o caminho do documentário e trabalharam temas como “Meu primeiro amor”, “Minha casa”, “Meu

¹Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de julho de 2026.

²Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Cinema e Audiovisual do ICA-UFC, email: ezequielcineasta@gmail.com

³Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Cinema e Audiovisual do ICA-UFC, email: anyaylashakur@gmail.com

⁴ Professora do Curso de Cinema e Audiovisual do ICA-UFC, e-mail: danieladumaresq@ufc.br

maior susto”, “O que me dá raiva”. A filmagem do documentário se deu pelas impressões que elas têm das atividades. A oficina “Essa sou eu” se organizou a partir das fotos das Guardiãs, para ver como elas se descrevem e como se autorrepresentam, trabalhando suas subjetividades, as relações com o corpo e o tempo. Desse modo, o trabalho participa de um ciclo de criação, preservação e transmissão de histórias e memórias desse território e contribui para uma política da memória.

METODOLOGIA

Para o melhor desenvolvimento do documentário e da compreensão do território, dividimos a metodologia em dois momentos: primeiro foram as frequentações e oficinas; e, em seguida, a criação e a realização do filme. Ao longo do ano, trabalhamos com o diário etnográfico dos nossos encontros. Funcionava da seguinte forma: uma vez ao mês havia sarau, um espaço de reunião das Guardiãs, em que cantam, recitam poesia e partilham a comida. Nesses encontros fazíamos observações partindo do que era dito: “eu sou assim”, “eu gosto disso”, “antigamente era assim”, em seguida, na sala de aula, discutimos em conjunto as noções postas pelas definições dessas frases. Os ditos traziam memórias sobre a Praia do Peixe, mais conhecida como Praia de Iracema atualmente. Acontecimentos como a falta de saneamento básico, a praia aterrada, a ponte com risco de desabamento e o risco de remoção são histórias que permeiam as falas dos encontros em que estávamos. Isso nos leva para a segunda divisão, pois ao entender o sentido das falas passamos a querer capturar outros sentimentos invisíveis que não conseguimos acessar. Além dos ditos, queríamos também os não ditos. Surge uma nova etapa para pensar a metodologia: “como tirar esse documentário dos moldes jornalísticos?”. Então adotamos o método do cinema contemporâneo de fazer documentário, em que o documentarista cria situações para desencadear memórias e subjetividades que a equipe da extensão não conseguiria acessar de outro modo. Os encontros e o documentário seguiram conforme o planejado desde o começo até o fim.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nas vanguardas do “novíssimo cinema brasileiro”, como classifica o professor da UFC Marcelo Ikeda (2011), os fazedores de cinema contemporâneo, houve cineastas que desafiaram a lógica emergente do cinema. Filmes como “Branco sai, preto fica”, do

cineasta Adirley Queiroz; “Inferninho”; “Estrada para Ythaca”, de Guto Parente e Pedro Diógenes; “Ela volta na quinta”, de André Novais, marcaram profundamente a nova geração de cineastas no Brasil. Em contraponto ao cinema da retomada, um grande período do cinema brasileiro que foi marcado por filmes comerciais, surgiu um novo jeito de fazer cinema no Brasil, marcado pela colaboração, pelo uso de atores não-profissionais, filmes feitos por realizadores pobres e de diferentes estados do país, com quase nenhum recurso e usando os equipamentos que estavam disponíveis. Emplacaram filmes em Cannes e no Festival de Brasília. Os artistas desse período estavam interessados em outros tipos de histórias, menos heróicas, menos marcadas pelo melodrama. Com roteiros autorais, sem que precisassem de um órgão institucional para avaliar se eram bons ou não para fazer arte em seus respectivos estados.

O filme que propomos na extensão Memórias do Poço da Draga dialoga com esse “novíssimo cinema brasileiro”. Havia uma grande vontade da equipe de realizar o filme, mas havia um certo impedimento ou até mesmo dificuldade em acreditar que era possível construir algo nesses moldes, sendo filmado por estudantes e com poucos recursos. No entanto, fomos filmar idosas do Poço da Draga essa disposição: uma câmera na mão, dispositivos acionados a partir do improviso e do diálogo, dissolução do método entrevistador-entrevistado e configurando o cinema como uma arte do possível. Construída por uma equipe totalmente formada por alunos da UFC, subvertendo um pouco desse poder de quem legitima os nossos trabalhos e quem os coloca no eixo da cultura em que estão inseridos. As reflexões advindas do livro “Das garagens para o mundo” (Ikeda, 2011) elucidam questões que são necessárias a serem repensadas no momento da cultura, levando também em consideração o encorajamento e a força dos cineastas independentes a se manterem firmes, mesmo quando tudo parece nebuloso no Brasil. O projeto de extensão Memórias do Poço da Draga vem para estender o braço para fora dos muros da universidade, mas também dando oportunidade aos estudantes de serem protagonistas da cultura da sua própria cidade.

DA ANÁLISE CARTOGRÁFICA, AO RESULTADO DA EXTENSÃO

Diante da riqueza trazida pelas Guardiãs das Memórias, um pensamento permeia as angústias da criação: “qual seria o recorte?”. Era importante abrigar as várias abordagens que incluíssem as guardiãs como centro da história. Posto isto, tinha uma

sensação de incompletude do território. Como se houvesse partes que não tivessem sido apresentadas em uma estrutura macro. O que conhecíamos era uma rota confortável das pessoas das quais nos aproximamos. É muito comum em Fortaleza, que as pessoas frequentem a praia do Poço sem saberem que há uma comunidade por trás dos muros. Os próprios estudantes da extensão ficaram curiosos em descobrir a vida além do muro. Quando atravessamos o muro, a rua que conhecemos, a rua em que aconteciam os encontros, não era suficiente para entender. Olhamos o mapa. Nesse olhar surgiu uma outra dúvida: por que o território da Praia de Iracema estava sendo interpretado como parte do centro da cidade? Na disposição simples do mapa, a Praia de Iracema começa apenas quando se inicia a rua Tabajaras, uma das ruas mais caras de Fortaleza. Ou seja, antes é a praia do Poço da Draga. Tecnicamente seria a praia do centro? A questão ficou confusa por problemas da cartografia civil do espaço. Sabemos que dentro dos moldes da gestão das cidades, as comunidades pouco participam da concepção de cidade, do entendimento e da divisão de bairros. Trata-se de um processo relacionado aos donos do poder, que buscam controlar os significados e delimitar as fronteiras. As fronteiras são tecnologias bem antigas de separação, exclusão e demarcação de terras. É uma forma de dizer “aqui é meu e aqui é de vocês”, e de impactar nas políticas e dinâmicas de poder que se instauram no nosso processo de viver a cidade. Por outro lado, tivemos o Instituto Mirante, OS vinculada ao Estado, que mapeou o Poço da Draga a partir da afetividade dos moradores com os territórios. Criou-se assim o Mapa afetivo, considerando como os moradores se reconhecem, como sentem, entendem e projetam o espaço. O Instituto Mirante desenvolveu os seguintes mapas: mapa cultural, mapa das resistências, mapa esportivo e mapa gastronômico.

Ao analisar o mapa em outra perspectiva, encontramos um recorte para o filme: “E se o filme explorasse a concepção do mapa afetivo?”. A ideia então era explorar as lembranças desse lugar a partir de dispositivos emocionais, como “meu primeiro amor”, “quando eu me mudei para cá”, “minha melhor amiga”. Porque nesse sentido poderíamos acessar um espaço onde os estudantes não conseguiram alcançar normalmente. É nesse momento que o cinema contemporâneo ritualiza a nossa direção para as filmagens. Um documentário que dissolve um pouco a estrutura padrão de um documentário com personagens entrevistados. Uma das propostas de direção usada foi colocar mais de uma pessoa em quadro. Por exemplo, D. Ivoneide, uma moradora local,

com uma pessoa de outra vila. Pois assim quebramos uma espécie de resposta genérica que elas poderiam dar. Se D. Ivoneide lembrasse como era a rua, automaticamente desbloquearia uma memória coletiva do espaço.

A memória urbana é um direito que precisa ser garantido. O documentário entra para fazer um resgate e a criação de novas memórias para o futuro. Os estudantes, além da participação na criação das lembranças do futuro, podem entrar em contato com outras formas de vida, ampliando suas percepções de comunidade e diversidade. Ao sair do eixo universitário, conseguimos pôr em prática uma nova atitude diante do mundo. Operar com pessoas idosas, se interessar pelo que pessoas idosas têm a dizer, colocando em destaque quem sempre esteve na linha de frente nas fronteiras. O território do Poço da Draga, mesmo nos dias atuais, passa por problemas de instabilidade e remoção. Um sentimento que pesa sobre a comunidade, que tem as terras garantidas, mesmo como moradores e descendentes de um território que completa 120 anos em 2026, e participante de uma ZEIS, Zona de Interesse Especial.

CONCLUSÃO

O método e o desenvolvimento teórico que marcaram o desempenho das filmagens não teriam sido possíveis sem o envolvimento físico e emocional dos alunos. As oficinas trouxeram percepções para a gente que não imaginávamos, pois ampliaram a noção de comunidade, e desenvolveram nossa autopercepção e nossas habilidades sensoriais, como a escuta e a fala. Os objetos escolhidos pelas Guardiãs para se autorrepresentarem abriram a possibilidade de novas interpretações, inclusive para a vida (painéis, bonecas de pano, fotografias).

A bolsa de extensão, além de contribuir para os alunos, contribui para o preenchimento do tempo das idosas. Com novas atividades, novos pensamentos, novas lembranças. Incluindo uma das atividades mais importantes atualmente, que é se ver. Para nós, que somos da Universidade Federal do Ceará, fazedores culturais dentro do campo do cinema, se envolver em um trabalho como este é perceber que nossas histórias não estão muito longe do nosso campo de visão. Talvez só a alguns metros. Para os estudantes de cinema, deveria ser de interesse aprofundar-se não apenas na comunidade do Poço da Draga, mas entender a realidade e como operam suas próprias comunidades.

As filmagens foram concluídas e deixaram uma sensação de saudades entre a equipe. Um dos sets que a priori foi visto como desinteressante culminou na criação do coletivo “às avessas”, e continuamos realizando trabalhos em coletivo. A metodologia aplicada performou quase 85% no trabalho de um ano inteiro. O cinema contemporâneo nos chega como uma das melhores maneiras de fazer um filme e torná-lo bastante especial. Dentro dessa perspectiva, as histórias locais feitas por cineastas pequenos tornaram-se grandes no palco do mundo, revolucionando não só a forma de fazer filmes, mas ampliando a fronteira de transmissão dessas histórias. Pensar em um cinema documental é estreitar laços com a realidade e desenvolver um outro tipo de ética que está além do domínio de um poder que dita como serão e como devem ser nossos trabalhos. A extensão não pretende ser grandiosa, mas no curso de Cinema e Audiovisual da UFC é uma das que trazem mais impactos sociais, sejam eles na comunidade, na universidade ou para os estudantes. Mas também para a própria cidade, enriquecendo ainda mais seus pólos culturais, seus cursos e seu estado. A universidade deve e é um lugar onde é ofertada uma educação pública e de qualidade. Para concluir, o nome do filme que desejamos colocar é “Quando eu corro, é na cartodraga do Poço que eu venho parar”. Justamente para trazer essa ideia de correr para chegar em um lugar e, quando chega, sente que está ilhado por um lugar que você não conhece. No entanto, ele tem várias facetas e se constrói por múltiplas sabedorias.

REFERÊNCIAS

- IKEDA, M. **Das garagens para o mundo: o novo cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- QUEIRÓS, A (dir.). **Branco sai, preto fica**. Brasil: Cinco da Norte, 2014. Filme.
- PARENTE, G; DIÓGENES, P (dir.). **Estrada para Ythaca**. Brasil: Alumbramento, 2010. Filme.
- NOVAIS OLIVEIRA, A (dir.). **Ela volta na quinta**. Brasil: Filmes de Plástico, 2014. Filme.
- SALLES, W. (dir.). **Central do Brasil**. Brasil: Videofilmes, 1998. Filme.
- INSTITUTO MIRANTE. **Mapas afetivos do Poço da Draga**. Fortaleza, 2024.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Projeto de extensão **Memórias do Poço da Draga**. Fortaleza: UFC, 2025.